

Anatole, Humberto e a intriga

Crônica de ROLANDO GUZZONI (Ponta Grossa)

Não existe grande homem para o seu criado de quarto, dizia, numa bela crônica, Raul de Leoni, considerando o papel de certos indivíduos cujo único prazer, de degradante voluptua, é amargurar a vida alheia com o fel da felonias, seres cujos cérebros sádicos entorpecidos pelos mais baixos instintos alimentam-se da volúpia de derramar naqueles que lhes caem no desagrado o ácido corrosivo da intriga sordida e mentirosa. São, na bela expressão de Raul de Leoni, seres cujas "almas nunca deram flor", jamais volveram os olhos cheios de amargor e despeito para o céu algoadoado de nuvens, para a tranquila superfície azul de um lago, muito menos para deter-se e escutar o canto mavioso de um pássaro canoro, o murmurar suave de uma fonte cristalina. São almas despedidas de qualquer gratidão, de qualquer intenção de vestir o manto do amor ao próximo, da solidariedade humana. São os farejadores da intriga, que, à maneira traçoira do chacal, buscam o ser inerte para devorá-lo sem encontrar reação.

Está visto que os grandes homens, embora sejam seres de exceção, nem sempre têm as páginas de sua vida particular escritas com o padrão de beleza que seria de esperar. Basta apenas que sejam humanos para resvalarem do simbolismo, ou melhor, do pedestal sem mácula que nós, simples comuns, os colocamos. Contudo, ao menor sinal de fraqueza humana, de descuido numa ação que na aparência não seja justa, estão os chacais farejando a presa.

Temos encontrado na vasta galeria de homens famosos, de homens excepcionais, queremos dizer, muitos que foram vilmente detratados, atacados e traídos por aqueles aos quais revelaram, com a ingenuidade e a simplicidade que se observam somente nos grandes homens, a sua intimidade simples, excessivamente bondosos e ingênuos para repararem que nas profundezas do olhar daqueles aos quais descobriram o véu de seus segredos havia frêmitos de despeito e inveja em grau insuperado.

Nesse torvelinho confrangedor de desencantadores, que nos oprimem pela perfídia e falsidade, surge-nos, para exemplo, a figura perversa e abominável de Jean Jacques Brousson, "valet de chambre" de Anatole France. Esse escriba foi, com doçura, acolhido pelo velho mestre do ceticismo e por muitos anos privou da sua intimidade. Despidose de qualquer laivo de gratidão por aquele que tão benévola e o recebeu e o fez participar de seu sacrário, anotou, com premeditação, todos os atos que poderiam comprometer a monumental obra de seu protetor e triunfar sobre as ruínas. Esperou, todavia, covarde como era, que o gigante tombasse pelas leis imutáveis que regem a vida, para então, satisfazer os instintos sádicos de iconoclasta.

Nessa vasta galeria a que nos referimos, existem outros seres que representam um tipo específico. São aqueles por quem tínhamos admiração incondicional, acima do comum, e que com as próprias mãos se destroem, porque se revelam cruéis, egoístas, maledicentes. Queremos nos referir a Humberto de Campos. Quando se tem vinte anos e a alma da gente fica ofuscada pelo fulgor do estilo de determinados

escritores, Humberto de Campos, por muitas razões, era um dos nossos preferidos. Além de se revelar e suas belas crônicas um espírito de grande imaginação, demonstrava pelos seres humanos essa solidariedade que só se encontra nos sublimados pelo sofrimento. E com graça sabia vestir seus belos pensamentos desafiados em crônicas que nunca cansávamos de ler e reler. Principalmente as que enfeixavam seus livros "Sombras que sofrem" e "Sepultando os meus mortos".

E durante a vida em fóra, continuou o escritor maranhense escrevendo páginas cheias de beleza, humanas, sem malícia nem afetação, transportando para o papel a existência penosa que arrastava.

E, agora, vem uma revista brasileira editando o diário secreto desse escritor, depois de dez anos de sua morte. O que se pode dizer dessas páginas, é que elas desmentem a tradição do escritor. Não ficamos decepcionados, apenas. Muito mais do que isso. A amargura de uma decepção não é tão dolorosa como a de

uma desilusão. Todas aquelas crônicas comovedoras, de filigranas tecidas de profundo sentido humano, aquelas crônicas sem malícia e despedidas de sentimentos dúbios, que construíram o pedestal no cimo do qual repousava a glória de Humberto de Campos, ruíram com fragor. O homem que escreveu aquele diário não é o Humberto de Campos que costumávamos admirar — o escritor humano e simples — é outro ser, egocêntrico, malicioso, sem respeito nem piedade à fraqueza humana.

E, parafraseando Raul de Leoni, dizemos que é necessário que seja mentira. Que aquilo não pode ser procedente de Humberto de Campos. Porque a humanidade, que anda tão desfalcada de almas solares em sua representação, não pode perder uma figura como a do maranhense. E oxalá não sejam jamais essas confissões publicadas em livros, para que os das futuras gerações não venham, como nós, duvidar da gloriosa tradição literária de Humberto de Campos, sobre a qual, há até bem pouco, não se projetara, ainda, a sombra da incerteza.